

Têndas.

Suponhamos que a análise, segundo a qual estaríamos deixando de sermos sedentários, seja correta. Em tal caso deveremos refletir sobre tendas, já que a vida nômade se abriga nelas. Ora, por mais que conheçamos campings e circos, não temos a intimidade com tendas que temos com casas. As reflexões seguintes procurarão abrir caminho rumo à visão da essência ("eidos") da tenda:

Etimologicamente, esbarramos contra a raiz indo-europeia "TN", à qual devemos todo um contexto de conceitos. A raiz significa "ténue-thin", e disto derivam por exemplo "tendência", "atenção", "pretenção" e "hipotenuse". Todo este contexto é caracterizado por flutuação que é dificilmente captável. Tudo que deriva de "TN" é de alguma maneira indefinível. Isto pode servir de ponto de partida para a contemplação da tenda; ao contrário dos habitantes de casas, nomades que moram em tendas não são definíveis, não têm endereço. Quem não tem endereço é suspeito. Não se enquadra, não é quadrado. E o quadrado (e seu derivado tridimensional, o cubo) é a estrutura da ordem civilizada. A polícia e a política são cubistas. Porque casas são cubos.

A casa é quatro muros e teto. Os muros definem ao distinguirem entre fora e dentro (entre o espaço público e o privado). O teto define ao distinguir entre embaixo e em cima (o infernal e o sublime). A função do cubo é esta. Quem não se define por cubo é suspeito, por vagar (migrar) entre o público e privado, e é portanto imigrante e ladrão possível. E é suspeito sobretudo por migrar entre o infernal e sublime, e destarte minar os valores sagrados do cubo. Por isto é preciso proteger-se contra moradores de tendas: por muros como o chinês ou o limes. E quando os nomades rompem o muro (como o fazem em Berlim), é preciso defini-los, encarcerá-los.

Isto o ponto de vista do cubo (dos bem-pensantes). O da tenda é outro. O burro de Bileam diz no Antigo Testamento: "como são belas as tuas tendas Jacob", e os judeus (sejam quadrados ou não) citam o burro ao entrarem na sinagoga. Qual o critério do burro? As tendas de Jacob não são tão gloriosas quanto o é a yurta de Djengis. Não recobertas de tapetes, nem cercadas de bandeiras. O burro (o qual originalmente visava chingar Jacob, era "antisemita") ficou impressionado pela beleza das tendas. Vivenciou algo. A vivência se liga com o "TN" implícito na tenda:

Tendas protegem contra o vento do deserto e da estepe. A tenda é para o vento, o que a casa é para o terreno. O vento sopra em torno da tenda, e a tenda se adapta; flutua. Guarda-chuvas, tais tendas-miniatura, ilustram isto. O vento pode retorná-las, quando temos o receio (ou a esperança) que voaremos. A genealogia é esta: guarda-chuva - papagaio - asa em delta - avião - foguete. A tenda exige construção mais próxima da técnica da aviação que da arquitetura. O vento é a essência da tenda. O vento é perfeitamente vivenciável (audível), mas não pode ser agarrado. O vento é "inconvebível", "indefinível". E o vento é voz que chama.

A tenda funciona como altofalante; amplia a voz do vento. O morador da tenda ouve a voz que o chama. Não obedece necessariamente. "Ouça Israel" não implica necessariamente "obedeça". ("Israel" é outro nome de Jacob.) Mas Jacob obedeceu. Assumiu a voz, respondeu, assumiu responsabilidade. O burro vivenciou isto. Por isto chamou as tendas de Jacob de "belas". E por isto os judeus citam o burro.

A vivência do vento do deserto e da estepe é o núcleo do judeo-cristianismo. Mas moradores de casas não podem captá-lo, por mais que o afirmem. Por que moradores de casa, essas existências definidas, precisam definir para captar algo. O vento (hebr. "ruakh", gr. "pneuma", lat. "spiritus") não é definível. O sedentário se identifica a si próprio por diferença; ele está aqui, e o diferente está fora. O morador de tenda não se identifica. Ele é o que é por ter sido chamado (por ter assumido vocação), e a voz que o chama é o que ela é por ter sido respondida. O chamado é função da vocação, e a vocação é função do chamado. Por isto falar sobre a vocação ("teologia") é a rigor impossível; o que se pode fazer é apenas falar para ("prece"). O morador de casa existe conceitualmente (epistemologicamente), o da tenda relacionalmente (religiosamente).

Algo está mudando; estamos em crise. Concebemos de melhor em melhor, definimos sempre mais perfeitamente. Os nossos conceitos vão se tornando sempre mais minuciosos ("calculados"). Tão minuciosos, infimos, que passam a inconcebíveis. O mundo objetivo passa a amontoado de partículas, os organismos vivos a amontoados de genes, nosso pensamento a conjunto de bits de informação, nossas decisões a montículos de decidemas, nossos atos a mosaicos de actomas, nossa cultura a combinação de culturamas. Tais conceitos finos são incocebíveis, e passam a formarem dunas movediças ao vento do deserto. E sobretudo isto; nenhuma análise definidora, (seja psicológica, fisiológica ou existencial) conseguiu descobrir algo definível "dentro" de nos, algo que possamos chamar de "eu". Flutuamos, indefiníveis, ao vento desertico cercados de dunas movediças. Em procura de tendas.

O vento desertico destruiu nossas casas. Abriu buracos nos muros e introduziu cabos (de telefone, de TV, de Minitel, de terminal), de maneira que não mais distinguimos entre o público e o privado. Abriu buracos no teto (antenas), de maneira que não mais distinguimos entre o infernal e o sublime. O caos desertico nos engolirá, se não conseguirmos encontrar tendas. Há sintomas que permitem esperança; existimos sempre mais relacionalmente, e sempre menos quadradamente. Começamos a viver "telematicamente", "imaterialmente". "Pos-industria", "pos-modernidade", "pos-historia" é isto. Mas construir tendas, moçar nelas, e fazer com que sejam belas não é tarefa fácil. Para consegui-lo, Jacob devia lutar contra o anjo e vencê-lo. Ser abençoado por ele. E, se a historia é bem contada, ficou manco no processo. Mas, se e quando a atual "revolução informática" triunfar, até burros serão obrigados a exclamar: "como são belas as tuas tendas".